

EDITORIAL

É de Roland Barthes (1915-1980), em sua aula, o pensamento de que cabe ao escritor, enquanto sujeito de uma prática, “ter a teimosia do espiar o que se encontra na encruzilhada de todos os outros discursos, em posição trivial com relação à pureza das doutrinas (trivialis é o atributo etimológico da prostituta que espera na intersecção de três caminhos)” (p. 26). O que o semiólogo parece propor com esta alegoria é a articulação de saberes, sem dicotomia de fronteiras, mas, antes, como interrelação. Na esteira de Barthes, é possível entender que a interdisciplinaridade se aplica ao estudo dos saberes de forma humana: linguística, literatura, filosofia, teologia, ciência, enfim, são áreas de migrações conceituais e efeitos de interdisciplinaridade. Existe, sobretudo, uma tensão dialética estabelecida no movimento interdisciplinar, que busca a travessia dos saberes, num diálogo entre as disciplinas, num entrecruzamento epistemológico. Pesa fortemente sobre o termo interdisciplinaridade a polissemia: no entanto, há que se concordar que, sobretudo, é a integração entre saberes tão diferentes, mas indissociáveis na produção de sentido da vida.

Prof. Dr. Roberto Nunes Bittencourt